



BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O HUMANISMO DE GIOVANNI PICO DELLA MIRANDOLA E BLAISE PASCAL

(Brief considerations about the humanism of
Giovanni Pico della Mirandola and Blaise Pascal)

Cinthia Almeida Lima

Advogada, graduanda e mestranda em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS/SE)

E-mail: advcinthialima@gmail.com

RESUMO

A Filosofia Renascentista muitas vezes é desprezada no estudo filosófico; no entanto, essa fase da história merece destaque em razão do surgimento do humanismo, movimento intelectual que enaltece a figura humana. A centralização do homem no mundo é tratada nas obras de Giovanni Pico della Mirandola e Blaise Pascal, filósofos em destaque nesta sucinta pesquisa.

Palavras-chave: Renascimento; Humanismo; Antropocentrismo.

ABSTRACT

Renaissance Philosophy is often overlooked in philosophical study, however, this phase of history deserves prominence because of the emergence of humanism, an intellectual movement that exalts the human figure. The centralization of man in the world is introduced in the works of Giovanni Pico della Mirandola and Blaise Pascal, prominent philosophers in this brief research.

Keywords: Renaissance; Humanism; Anthropocentrism.

INTRODUÇÃO

A partir do século XIV, o Renascimento nasce como um período intermediário entre o *Medievo* e a modernidade, marcado pela: glorificação da figura do homem; reinterpretação dos textos herdados da Antiguidade; reflexão crítica sobre a cultura e a arte do período medieval; e principalmente, pelo surgimento dos “debates” sobre os poderes exercidos pela igreja e dos dogmas pregados pelo cristianismo até então. O humanismo surge nesse instante, entretanto, não deve este movimento, em sua essência, ser considerado como anticristão.

O antropocentrismo dessa época, nascido a partir do renascimento cultural, e em oposição ao teocentrismo, traduz-se na afirmação de que o homem é o guia de seu próprio destino, valorizando-se a racionalidade como uma particularidade humana. O direcionamento a um saber prático, permitiu o desenvolvimento de objetos que incentivassem o conhecimento das



“coisas mundanas” e confirmassem a capacidade inventiva do homem, a exemplo do telescópico. Não apenas a natureza física era motivo de observações, mas a natureza humana começou a ser investigada nos estudos de anatomia, e, ainda, as expressões artísticas representavam os corpos humanos, com frequente exploração da nudez.

Os humanistas, de uma forma geral, afastam-se significativamente das questões espirituais, exaltando o empirismo. No entanto, atualmente, existem classificações possíveis para o humanismo, quais sejam: humanismo renascentista; humanismo cristão; humanismo positivista comtiano; humanismo logosófico; humanismo marxista; humanismo universalista; humanismo jurídico etc. Tais classificações podem ser verificadas em diversos sites da Internet que se referem ao termo ‘humanismo’.

Alguns estudiosos sobre o humanismo, são imprescindíveis de serem estudados no âmbito da pesquisa teológico-filosófica, especialmente no que se refere à dignidade humana, a exemplo de Giovanni Pico della Mirandola e Blaise Pascal. Porém, por muitas vezes, tais filósofos são desprezados nos conteúdos programáticos dos cursos de graduação em Teologia, Filosofia e Ciências da Religião. Assim sendo, esse sucinto estudo tem como objetivo principal apresentar alguns significados possíveis para a palavra humanismo e tecer os principais posicionamentos filosóficos desses dois pensadores renascentistas acerca da figura do homem e a posição deste no mundo.

1. ALGUNS SIGNIFICADOS DA PALAVRA HUMANISMO

Nessa fase inicial da pesquisa, serão apresentados significados possíveis para a palavra humanismo com a finalidade de proporcionar o entendimento mais objetivo dos pensamentos de Giovanni Pico della Mirandola e Blaise Pascal. Indispensável expor que o movimento humanista nasceu na Itália, concomitantemente, ao surgimento do período batizado de Renascimento, que abalizou a transição entre a idade média e a modernidade, e direcionou os pensadores da época a um saber crítico voltado para um conhecimento “maior” e mais detalhado do homem.

O humanismo foi difundido em grande parte da Europa e apresentava o rompimento com a igreja católica e o teocentrismo, que posicionava Deus no centro do mundo. A valorização do indivíduo e de suas emoções colocam o homem, então, na posição central. No *Dicionário de Filosofia*, de Nicola Abbagnano,

Esse termo é usado para indicar duas coisas diferentes: I) o movimento literário e filosófico que nasceu na Itália na segunda metade do século XIV, difundindo-se para os demais países da Europa e constituindo a origem da cultura moderna; II) qualquer movimento filosófico que tome como fundamento a natureza humana ou os limites e interesses do homem.

I) Em seu primeiro significado, que é o histórico, o Humanismo é uma aspecto fundamental do *Renascimento* (v.), mais precisamente o aspecto em virtude do qual o Renascimento é o reconhecimento do valor do homem em sua totalidade e a tentativa de compreendê-lo em seu mundo, que é o da natureza e da história. Nesse sentido, costuma-se dizer que o Humanismo se inicia com a obra de Francesco Petrarca (1304-1374). [...]



II) O segundo significado dessa palavra nem sempre tem vínculos estreitos com o primeiro. Pode-se dizer que, com esse sentido, Humanismo é toda filosofia que tome o homem como “medida das coisas”, segundo as antigas palavras de Protágoras. [...]

Em sentido mais geral, pode-se entender por Humanismo qualquer tendência filosófica que leve em consideração as possibilidades e, portanto, as limitações do homem, e que, com base nisso, redimensione os problemas filosóficos.

No léxico filosófico atual fala-se de Humanismo a propósito: a) das doutrinas que veem no homem – e não fora do homem – o centro da realidade e do saber; b) das teorias que visam a salvaguardar a “dignidade” do homem diante das forças que a ameaçam (nesta acepção, costuma-se falar em Humanismo existencialista, cristão, marxista etc.) [...] (2012, p. 602-603, grifo nosso)

Os significados supracitados retratam que o humanismo exalta a figura do homem, demonstram a preocupação dos pensadores humanistas com a sua dignidade, e ainda, colocam-no na centralidade do mundo.

2. GIOVANNI PICO DELA MIRANDORA: A NATUREZA INDEFINIDA DO HOMEM

Giovanni Pico della Mirandola (1463-1494) foi um humanista do Renascimento italiano. Trocou uma promissora carreira de jurista para dedicar-se à vida filosófica. Influenciado pelo pensamento de Marsílio Ficino, leitor de Platão e considerado o mais importante representante do humanismo florentino, o eixo principal de uma das principais obras daquele, qual seja, *Oratio de Hominis Dignitate* ou *Discurso sobre a dignidade do homem*, é a dignidade humana, com uma forte abordagem antropocêntrica, na qual o homem encontra-se no centro do mundo e a grandeza de sua natureza ganha destaque. Para Mirandola, o homem é ainda um “grande milagre”, semelhante as criaturas superiores, diferindo pouquíssimo dos anjos, não existindo nada de mais admirável.

Observe-se o texto referente ao mencionado filósofo no *Dicionário Básico de Filosofia*, de Hilton Japiassú e Danilo Marcondes:

Pico della Mirandola, Giovanni (1463-1494) Humanista e filósofo italiano (nascido em Ferrara). Em Florença, conheceu Marsílio Ficino e descobriu Platão, o neoplatonismo e os livros herméticos. Sua obra *Conclusiones philosophicae* (1486) e ele próprio foram acusados de heréticos, e Pico della Mirandola refugiou-se na França. Retornando a Florença, ficou sob a proteção de Lourenço de Medici, governante local e protetor das letras e das artes. Tendo se destacado pela precocidade e pela amplidão de seus conhecimentos, bem como pela audácia de suas teses filosóficas e teológicas, escreveu também *Heptalus*, narrativa mística da criação, *In astrolgicum librí XII*, ataque à astrologia, *De ente, et uno*, resumo das ideias de Platão e Aristóteles. (2001, p. 150, grifo nosso)



Há um equilíbrio entre a valorização do homem e a exaltação do divino no seu posicionamento filosófico nesta fase. O homem busca a perfeição utilizando-se da liberdade que lhe é conferida, e esse caminho para a perfectibilidade é alcançado à medida que ele se aproxima de Deus. Há um otimismo evidente em seu pensamento, amparando-se em influências míticas, em especial dos herméticos e da cabala, o que manifestou um sincretismo reprovado pelos representantes da igreja de sua época.

Esse “ser especial” goza de maior grau de felicidade do que os demais integrantes do reino animal e de todos os demais seres habitantes da Terra, e até mais do que a dos seres “além-mundo”, e por isso é digno de ser admirado.

Finalmente, pareceu-me ter compreendido por que razão é o homem o mais feliz de todos os seres animados e digno, por isso, de toda a admiração, e qual enfim a condição que lhe coube em sorte na ordem universal, invejável não só pelas bestas, mas também pelos astros e até pelos espíritos supramundanos. Coisa inacreditável e maravilhosa. E como não? Já que precisamente por isso o homem é dito e considerado justamente um grande milagre e um ser animado, sem dúvida digno de ser admirado. (PICO DELLA MIRANDOLA, 2001, p. 55)

Pico dela Mirandola não tem nenhuma dúvida de que o homem, com sua capacidade racional, foi a última criação de Deus (Artífice), e ao estar no centro do mundo, pode olhar as coisas de uma forma mais privilegiada, como um “intérprete da natureza”, seguindo a direção que desejar, admirando a beleza e da grandeza da obra divina (o mundo). E diferentemente das demais criaturas mundanas, que têm a natureza bem definida, completamente acabada, o homem possui uma natureza indefinida, inacabada.

Ao estar no “meio do mundo”, o homem, criatura de Deus e com livre-arbítrio, encontra-se numa posição que lhe permite realizar uma incessante busca pela definição de sua própria essência. A existência humana não sofre qualquer limitação por Deus, não há um só destino para o ser humano, este encontra-se “direcionado” a escolher, a autodeterminação de seu próprio ser.

Assim, tomou o homem como obra de natureza indefinida e, colocando-o no meio do mundo, falou-lhe deste modo: Ó Adão, não te demos nem um lugar determinado, nem um aspecto que te seja próprio, nem tarefa alguma específica, a fim de que obtenhas e possuas aquele lugar, aquele aspecto, aquela tarefa que tu seguramente desejares, tudo segundo o teu parecer e a tua decisão. A natureza bem definida dos outros seres é refreada por leis por nós prescritas. Tu, pelo contrário, não constrangido por nenhuma limitação, determiná-la-ás para ti, segundo o teu arbítrio, a cujo poder te entreguei. Coloquei-te no meio do mundo para que daí possas olhar melhor tudo o que há no mundo. Não te fizemos celestes nem terreno, nem mortal nem imortal, a fim de que tu, árbitro e soberano artífice de ti mesmo, te plasmasses e te informasses, na forma que tivesses seguramente escolhido. Poderás denegar até aos seres que são as bestas, poderás regenerar-te até às realidades superiores que são divinas, por decisão do teu ânimo. (*Ibid.*, p. 57)

Na mencionada obra, o renascentista utiliza-se de alegorias e de componentes míticos e místicos para tratar da dignidade humana. Dentre as obras que o influenciaram, encontra-se o *Corpus Hermeticum*, atribuído a *Hermes Trismegistus*. Figuras bíblicas são citadas, a exemplo



de Adão, que ao possuir o arbítrio de escolher, tem a faculdade de obter aquilo que almeja, de ansiar ser aquilo que realmente quer ser. O homem é comparado a um camaleão, perante sua capacidade de transformação, de adaptar-se ao meio em que habita.

Ao afastar-se de Deus, o homem, “escravo dos sentidos”, torna-se uma “besta”. Contudo, ele deve buscar uma vida de contemplação, que o permitirá unir-se a Deus e tornar-se imagem deste. Uma vez que está no “meio do mundo”, tem a inclinação natural de interferir nele. A sua ambição e suas energias devem estar exclusivamente atreladas ao objetivo de atingir o divino. O desprezo pelas coisas terrenas e paixões, pelos vícios mundanos, purificando a alma por completo. Por fim, ao tornar-se uno com Deus, pelo esforço da razão, o homem então encontra a sua verdadeira essência e, conseqüentemente, adquire sua dignidade.

3. BLAISE PASCAL: A GRANDEZA E A MISÉRIA DO HOMEM

Blaise Pascal (1623-1662) foi um físico, matemático, inventor da primeira máquina de calcular, teólogo e filósofo cristão francês. Em *Os Pensamentos*, obra publicada, após sua morte, no ano de 1670, dentre vários assuntos interessantes abordados pelo pensador, alguns ganham papel de destaque: defesa do cristianismo; análise da posição do homem no mundo; e entendimento deste como um “ser paradoxal” dotado, simultaneamente, de razão e coração (emoção), de grandeza e miséria, anseio de infinitude, em face de sua inquestionável finitude.

Em 1646, Pascal tornou-se seguidor do Jansenismo, fundado pelo bispo de Ypres, na Bélgica, Cornélio Jansênio (1585-1638), um segmento católico que buscava defender alguns princípios da teologia de São Agostinho em oposição direta ao pensamento jesuítico daquele período, cujos principais pontos de defesa eram: a negação do livre-arbítrio; predestinação; e que a natureza humana, por si mesma, não permite ao homem atingir o puro bem. Tais posições foram consideradas heréticas pela igreja católica.

Sobre o filósofo cristão, o supramencionado *Dicionário Básico de Filosofia*, expõe que:

Pascal, Blaise (1623-1662) A notoriedade do filósofo e cientista francês Blaise Pascal (nascido em Clermont-Ferrand) é devida, sobretudo, ao fato de ter inventado, aos 20 anos, a "máquina de calcular" e de, juntamente com Leibniz, ter criado o cálculo das probabilidades. Aos 23 anos, demonstrou a existência do vazio na natureza. Após um período de vida "mundana". Na qual frequentou os "libertinos", tornou-se um defensor ardoroso do cristianismo, sobretudo o defendido pelo jansenismo. Com prodigiosa eloquência, tornou-se o defensor dos jansenistas contra os ataques dos jesuítas. São famosas suas *Cartas provinciais* (1657). Escreveu vários opúsculos filosóficos, científicos e matemáticos. Rejeitou a autoridade em matéria de ciência. Mas confiou mais na experiência do que na razão. Preferiu os "espíritos de finesse" aos "espíritos geométricos". Para ele, "o coração tem razões que a razão desconhece". Gravemente enfermo, escreveu o projeto de uma apologia da religião, inacabado e publicado após sua morte com o nome de *Pensamentos*. Para "provar" a verdade do cristianismo, Pascal usou, uns contra os outros, os argumentos do orgulho estóico ou dogmático e os argumentos do ceticismo. Assim, para sua apologia do cristianismo, utilizou a razão, a única arma que reconhecem os ateus para



ridicularizar a religião. Aproveitou os argumentos do cético Montaigne para destruir a orgulhosa confiança do homem em suas possibilidades humanas. E colocou seus adversários diante de uma aposta (*pari*), ou seja, diante de um argumento pelo qual tentou provar a um cético que ele teria todo interesse em crer "numa outra vida": se as chances são iguais, o homem apenas troca uma vida transitória por uma salvação eterna, nada perdendo se essa vida não existisse. Ver-jansenismo. (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 148, grifo nosso)

No artigo I da sua citada obra, Pascal direciona seus escritos aos ateus (libertinos), haja vista que estes são indiferentes às “coisas da religião”, e sugere aos mesmos que leiam o seu texto a fim de “descobrirem a verdade”.

[...] Dediquem a esta leitura algumas das horas que tão inutilmente empregam fora: se alguma aversão experimentarem, talvez reconheçam ainda assim alguma coisa ou, pelo menos, não perderão muito. Quanto aos que nisso usarem de toda a sinceridade e mostrarem um verdadeiro desejo de descobrir a verdade, espero que se satisfarão e ficarão convencidos das provas de uma religião tão divina por mim coligidas aqui. (PASCAL, 2002, p. 20)

Há uma total vantagem na crença da existência de Deus do que na negativa dessa existência, como no caso do ateísmo. Acreditar na verdadeira religião cristã é um passo importante para o homem, pela fé, “conhecer” e amar a Deus. A prece é um dos “remédios” que o ser humano deve fazer uso. Para o filósofo, é razoável saber que um Deus existe, mas, pode não se saber o que Ele realmente é, pois ignoramos a natureza do infinito. Ao homem é permitido somente conhecer verdadeiramente a existência e natureza do finito, já que ele também é caracterizado de finitude. Conhecer a extensão e os limites de Deus, portanto, é impossível.

Inegavelmente, as ideias filosóficas de Pascal sofreram forte influência de seus posicionamentos religiosos. O homem é considerado um ser que apresenta uma grandeza, e ao mesmo tempo, uma miséria, uma vez que se corrompeu pelo pecado cometido por Adão, a liberdade que possuía foi abolida de sua condição terrena. Entretanto, pela graça que se dá pela misericórdia e revelação unicamente divinas, o homem reconcilia-se com Deus, ou seja, com ele mesmo. Durante o percurso da vida humana, o caminho do bem apenas é alcançado através da graça concedida pelo divino.

As grandezas e as misérias do homem são de tal modo visíveis que é preciso, necessariamente, que a verdadeira religião nos ensine e que haja no homem um grande princípio de grandeza e um grande princípio de miséria. É preciso, pois, que ela nos explique essas espantosas contrariedades. Se há um só princípio de tudo, um único fim de tudo: tudo por ele, tudo para ele. É preciso, pois, que a verdadeira religião nos ensine a não adorar senão a ele e a não amar senão a ele. Mas, como nos achamos na impossibilidade de adorar o que não conhecemos e de amar outra coisa além de nós, é preciso que a religião, que instrui sobre esses deveres, nos instrua também sobre essas impossibilidades, ensinando-nos também os remédios. (*Ibid*, p. 37)

A condição de miserabilidade humana, em razão do pecado adâmico, reflete-se na busca pela glória e cobiça de bens materiais (concupiscência), na quebra do laço com Deus. O



“abandono” do divino torna o homem incompleto. Todavia, a sua grandeza é atingida através da graça, quando o homem assim se dá conta de sua incompletude.

Pascal tece críticas ao pensamento dos estoicos que, em apertada síntese, entendiam que a verdadeira felicidade, o repouso necessário ao bem-estar do homem, consistia em “entrar” dentro de si mesmo. Censura, ainda, o pensamento daqueles que acreditam que a felicidade humana se encontra no divertimento. Todavia, para ele, a real felicidade não está nem dentro, nem fora do homem (nas coisas mundanas), mas, está unicamente em Deus.

O homem é indiscutivelmente racional e busca conhecimentos empíricos para atingir a tão sonhada felicidade, porém, o desenvolvimento das ciências não preenche por si só o “vazio” que dentro dele existe. Percebe-se através da dialética de Pascal, que a dignidade humana se encontra, de forma indubitável, no pensamento, inclusive, esse aspecto o difere dos demais seres terrenos. Contudo, para alcançar a completude de seu ser, necessita deparar-se verdadeiramente com Deus, para só assim descobrir inteiramente a si mesmo.

CONCLUSÃO

Contemporaneamente, a dignidade humana é um princípio jurídico fundamental, com proteção em Constituições de vários países, no entanto, tais normas jurídicas não definem o que seja realmente essa dignidade. Assim sendo, no estudo das origens do termo ‘dignidade’ faz-se imprescindível também conhecer a visão dos aludidos filósofos, bem como de outros estudiosos que embora não estejam citados nessa pesquisa, tenham importância no estudo do humanismo.

Para Pico della Mirandola, a dignidade do homem decorre da sua “capacidade criadora”, de inovação e transformação da natureza, bem como de si mesmo, caminhando assim em direção ao seu aperfeiçoamento, tornando-se imagem e semelhança de Deus. Contudo, Pascal entende que o homem é “um paradoxo” (grandeza e miséria), e sua dignidade está no fato de que foi criado por Deus para pensar e adotar uma atitude reflexiva sobre sua própria existência.

BIBLIOGRAFIA

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- AGOSTINHO, S. *O Livre-Arbitrio*. 3 ed. Trad. Nair Assis de Oliveira. São Paulo: Paulus, 2008.
- AQUINO, J. E. F. *A condição humana, a condição dos Grandes e a condição da justiça*. Apresentação a *Três discursos sobre a condição dos grandes de Blaise Pascal*. In: Kalagatos, Fortaleza, v. II, fasc. 4, 2005.
- ATTALI, J. *Blaise Pascal: ou o gênio francês*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: Edusc, 2003.
- BURKE, P. *O Renascimento italiano: cultura e sociedade na Itália*. 2 ed. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.
- CALÇADO, T. *Doença: sofrimento e vida nas filosofias de Friedrich Nietzsche e Blaise Pascal*. (Dissertação de mestrado). Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Filosofia/Dissertacoes/calçado_t_me_mar.pdf. Acesso em: 15 abr. 2017.



- FREITAS NETO, J. A.; TASIFANO, C. R. *História geral e do Brasil*. São Paulo: Harbra, 2006.
- GOUHIER, H. *Blaise Pascal: Conversão e apologética*. São Paulo. Discurso editorial, 2005.
- JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. *Dicionário Básico de Filosofia*. Terceira edição revista e ampliada. Digitalizado por TupyKurumin. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. Disponível em: http://raycydio.yolasite.com/resources/dicionario_de_filosofia_japiassu.pdf. Acesso em: 10 abr. 2017.
- LACERDA, B. A. *A dignidade humana em Giovanni Pico della Mirandola*. Revista *Legis Augustus* (Revista Jurídica), vol. 3, n. 1, setembro de 2010, ISSN: 1516-9367. Disponível em: http://apl.unisuam.edu.br/legis_augustus/pdf/ed1/Artigo_2.pdf. Acesso em: 10 abr. 2017.
- MARTINS, A. V. *Contingência e imaginação em Blaise Pascal*. (Dissertação Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/SP, 2006. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetailObraForm.do?select_action=&co_obra=32563. Acesso em 16 abr. 2017.
- MONDIN, B. *Curso de Filosofia. Os filósofos do Ocidente*. Vol.2. 6 ed. São Paulo: Paulus. 1981.
- PASCAL, B. *Do Espírito Geométrico: Pensamentos*. Tradução de Antonio Geraldo da Silva. São Paulo, SP: Editora Escala, 2006. (Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal – 61).
- _____. *Pensamentos*. 2002. Versão para ebook: ebooksbrasil.com. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/pascal.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2017.
- PICO DELLA MIRANDOLA, G. *Discurso sobre a dignidade do homem*. Tradução e introdução de Maria de Lurdes Sirgado Ganho. Lisboa: Edições 70, 2001.
- PIEPER, J. *A tese de Pascal: Teologia e Física*. In: Lauand, L.J. (org. e trad.) *Interfaces*. São Paulo: Mandruvá.
- PONDÉ, L. F. *O homem insuficiente: comentários de antropologia pascaliana*. São Paulo: EdUSP, 2001.
- _____. *Conhecimento na Desgraça. Ensaio de Epistemologia Pascaliana*. São Paulo, Edusp, 2004.
- ROCHA, A. N. *A Condição humana no cristianismo pascaliano: o paradoxo entre grandeza e miséria*. Revista Científica Multidisciplinar - Núcleo do Conhecimento, ano 2, vol. 01, abril de 2017, ISSN: 2448-0959. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/ciencia-da-religiao/paradoxo-entre-grandeza-e-miseria>. Acesso: em 20 abr. 2017.
- SANTOS, J. S. dos. *O homem paradoxal: sobre a antropologia de Blaise Pascal*. Revista Pandora Brasil, n. 34, setembro de 2011, ISSN: 2175-3318. Disponível em: http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/filosofia_34/jandir.pdf. Acesso em: 22 abr. 2017.

Recebido em 04/07/2017
Aprovado em: 22/11/2017